



PSICOLOGIA EXISTENCIAL FENOMENOLÓGICA E MÍSTICA: UM ESTUDO DA “EX-ISTÊNCIA” HUMANA EM EDITH STEIN

*Prof. Ir. Everaldo dos Santos Mendes**

Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim e eu estava fora, e fora de mim te procurava; com o meu espírito deformado precipitava-me sobre as coisas formosas que criaste. Estavas comigo e eu não estava contigo. Retinha-me longe de ti aquilo que não existiria se não existisse em ti, chamaste, clamaste e rompestes a minha surdez. Brillhaste, resplandeceste e dissipaste a minha cegueira. Exalaste sobre mim o teu perfume: aspirei-o profundamente, e agora suspiro por ti. Saboreei-te e tenho fome e sede de ti. Tocaste-me e agora desejo ardentemente a tua paz¹.

Por muito tempo minha única oração foi a busca da verdade².

Resumo: Este estudo, escrito numa perspectiva de urgência e cuidado, parte da concepção da *Psicologia* (*psyché*, que significa “alma”, e *logos*, que significa “razão”) dos filósofos pré-socráticos, retomando-a na contemporaneidade, a partir do estudo de São Tomás de Aquino e Edmund Husserl, com vistas às possibilidades de compreensão da *ex-istência* humana sob o enfoque da Psicologia Existencial Fenomenológica e da Mística de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). *Ex-istência* humana é, do ponto de vista de Edith Stein, uma intervenção da *pessoa humana* (livre) sobre si mesmo, um “projeto”, desde sempre inacabado, o que dá sentido à “sétima morada”: união íntima da alma com Deus, como ela compreendeu em Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, seus pais espirituais.

Palavras-chave: Psicologia, fenomenologia, “pessoa humana”, busca da verdade e “sétima morada”.

Abstract: This article, written in a perspective of urgency and care, begins on concept of Psychology (*psyche*=soul; *logos*=reason) from presocratic philosophers, passing by Saint Thomas a Aquino, Edmond Husserl and Edith Stein. To Edith

¹ AGOSTINHO. *Confissões*, Livro VII, *apud* PASTRO, C. *O Deus da Beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 29.

² STEIN, E. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 4.

Stein (or Saint Teresa Benedita da Cruz) human existence is a unfinished project, what has mean in the "seventh dwelling": close union of soul with God, as her spiritual parents Saint Teresa Avila and Saint John of Cross had understood.

Keywords: Psychology, Phenomenology, "human person", research on truth and "seventh dwelling".

Historicamente dizem Bock, Furtado e Teixeira, em *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*³, que a primeira tentativa de sistematizar uma *Psicologia* (*psyché*, que significa "alma", e *logos*, que significa "razão") partiu dos filósofos gregos, que a compreenderam como "estudo da alma".

Na Idade Antiga, os filósofos pré-socráticos preocupavam-se em definir a relação do homem com o mundo por meio da "percepção", interrogando se o mundo existe porque o homem o vê ou se o homem vê o mundo que já existe. Sócrates (469-399 a. C.), preocupava-se com o limite que separa os homens dos animais, postulando que a principal característica do ser humano era a "razão". Para Sócrates, a razão permitia ao homem sobrepor-se sobre os instintos, que seria a base da irracionalidade. Platão (427-347 a. C.), discípulo de Sócrates, procurou definir um lugar para a razão em nosso próprio corpo: na cabeça, onde se encontra a "alma" do homem. Na concepção de Platão, a medula seria o elo da alma com o corpo. Aristóteles (384-322 a. C.), discípulo de Platão, postulou que a alma e o corpo não podem ser dissociados. Segundo Aristóteles, a *psyché* seria o princípio ativo da vida. Logo, tudo aquilo que cresce se reproduz e se alimenta – como os vegetais, os animais e o homem – possui a sua *psyché* ou alma. Os vegetais possuem "alma vegetativa", que se define pela função de alimentação e reprodução. Os animais possuem a "alma vegetativa" e a "alma sensitiva", que tem a função de percepção e movimento. Por último, diz Aristóteles que o homem possui a "alma vegetativa" e a "alma sensitiva", e a "alma racional", que tem a função pensante. Em *De anima*, que pode ser considerado o primeiro tratado de Psicologia, este filósofo chegou a estudar as diferenças entre a razão, a percepção e as sensações.

Na Idade Média, falar de Psicologia é relacioná-la ao conhecimento religioso já que, ao lado do poder econômico e político, a Igreja também monopolizava o saber e, conseqüentemente, o estudo do psiquismo. Santo Agostinho (354-430), inspirado em Platão, também fazia uma cisão entre

³ BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13. ed. refor. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.

alma e corpo; mas para ele, a alma não era somente a sede da razão, e sim a prova de uma manifestação divina no homem. Por ser o elo entre o homem e Deus, a alma é imortal, diz Santo Agostinho. E, sendo a alma a sede do pensamento, a Igreja passa a se preocupar também com a sua compreensão. No século XIII, São Tomás de Aquino (1221-1274), tendo vivido numa época que prenunciava a ruptura da Igreja, uma época que preparava a transição para o capitalismo, com a *Revolução Francesa* e a *Revolução Industrial*, viu-se diante das possibilidades de encontrar novas justificativas para a relação entre Deus e o homem. Sem conhecer o grego, lia Aristóteles em latim traduzido do texto árabe.

De acordo com Angela Ales Bello, São Tomás de Aquino:

Ao estudar os textos de Aristóteles, compreendeu que se trata de uma filosofia muito interessante, similar àquela de Platão, mas também muito diferente, sendo que a principal diversidade estava no fato de que, sendo filho de um médico, o Estagirita tinha grande interesse pelo estudo da física, do mundo natural e do corpo humano. Por causa disto, São Tomás, a partir dos textos aristotélicos, busca elaborar uma nova filosofia, compatível com a teologia criacionista do cristianismo. Acerca da questão da alma, Tomás retoma a concepção aristotélica, segundo a qual essa é o princípio vital, estruturado segundo três níveis: a alma vegetativa, a alma sensorial (própria dos animais), e a alma racional (peculiar ao ser humano). O ser humano, porém, possui os três níveis da alma, pois é dotado de uma vida vegetativa (que anima os órgãos do corpo); uma vida animal impulsiva e uma vida intelectual que lhe é própria. São Tomás de Aquino compreende, então, que a alma é vida, princípio vital, e, portanto, quando cessa a existência da vida, também a alma deixa de existir. Este é o grande problema deixado em aberto por Aristóteles: ele tentava resolver a questão da imortalidade da alma introduzindo o conceito de uma alma universal, presente em todos os seres humanos, e que persiste após a morte do indivíduo⁴.

Na concepção de Bello, São Tomás de Aquino se vê, então, diante de um grande impasse: como utilizar as doutrinas de Aristóteles e ao mesmo tempo postular a imortalidade da alma – dogma essencial da teologia cristã? Faz-se necessário, portanto, conceber a alma não somente como princípio de vida, mas também como elemento substancial no homem, problema que São Tomás de Aquino resolve com a noção de “substancial formal”. Se a alma dá forma ao corpo, não é possível separá-la do corpo. Por ser a alma um princípio formal substancial do corpo,

⁴ BELLO, A. A. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 27-28.

existem duas formas: a alma como forma de corpo e a alma como princípio substancial, sendo que a alma como forma substancial pode viver sem o corpo, mesmo que temporariamente. Esta afirmação está de acordo com a teologia cristã da ressurreição dos corpos. Nesse contexto, São Tomás de Aquino considera que o homem, na sua essência, busca a perfeição por meio de sua existência; e que somente Deus seria capaz de reunir a essência e a existência, em termos de igualdade. É possível dizer, então, que a busca de perfeição pelo homem seria a busca de Deus.

Na Idade Moderna, de modo especial, com o *Renascimento Italiano*, faz-se necessário no percurso acerca da história do conceito de “alma” a posição do filósofo René Descartes (1596-1650), que postulava a separação entre mente (alma, espírito) e corpo, afirmando que o homem possui uma substância material e uma substância pensante, e que o corpo, desprovido do espírito, é apenas uma máquina. Indubitavelmente, esse dualismo cartesiano mente-corpo torna possível o estudo do corpo humano morto, o que era impensável nos séculos anteriores, por ser o corpo considerado pela Igreja, “sede da alma”. Na Primeira Epístola aos Coríntios, diz São Paulo: “Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis?” (1 Cor. 6,19). No contexto cartesiano torna-se possível o avanço da Anatomia e da Fisiologia, que iria contribuir em muito para o progresso da Psicologia.

Na Idade Contemporânea, o *status* de ciência é obtido pela Psicologia à medida que esta se “liberta” da Filosofia. No século XIX, na Universidade de Leipzig (Alemanha), Wilhelm Wundt (1832-1926), de acordo com o novo modo de conceber e de fazer ciência, preconiza a Psicologia “sem alma”. Nesse contexto, o conhecimento tido como científico passa, então, a ser aquele produzido em laboratórios, com o uso de instrumentos de observação e medição. Essa Psicologia científica, que se constitui de três escolas: o *Associonismo*, de Edward L. Thorndike (1874-1949), o *Estruturalismo*, de Edward Titchner (1867-1927) e o *Funcionalismo*, de William James (1842-1910) no século XX, foi substituída por novas tendências psicológicas, tais como: o *Behaviorismo*, a *Gestalt*, a *Psicanálise* e a *Fenomenologia*. No presente estudo, voltaremos a nossa atenção para esta última, com vistas à *Psicologia Existencial Fenomenológica* e à *Mística* de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), fenomenóloga, nascida em 12 de outubro de 1891, em Breslau, morta em 09 de agosto de 1942 na câmara de gás em Auschwitz-Birkenau, vítima das atrocidades do Nazismo, e canonizada em 11 de outubro de 1998 pelo Papa João Paulo II.

Mas o que é isto – *Fenomenologia*? Diz Angela Ales Bello:

Esta palavra é formada de duas partes, ambas originadas de palavras gregas, como sabemos. “Fenômeno”, significa aquilo que se mostra; não somente aquilo que aparece ou parece. Na linguagem religiosa, utilizamos também o termo epifania para falar de algo que se manifesta, que se mostra “Logia” deriva da palavra logos, que para os gregos tinha muito significado: palavra, pensamento⁵.

Em 1901, Edmund Husserl (1859-1938) publicou sua obra fundante da Fenomenologia, intitulada *Investigações lógicas*. Edith Stein, em 1913, decepcionada com os estudos de Psicologia - ciência que, na sua concepção, estava ainda balbuciando -, fortemente marcada pela leitura das *Investigações lógicas*, decidiu deixar sua cidade natal para inscrever-se em Filosofia e Fenomenologia na Universidade de Göttingen (Alemanha). Aí se tornou assistente pessoal de Edmund Husserl, ao lado de grandes filósofos contemporâneos como Martin Heidegger (1889-1976), autor de *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit*), que a ajudou na produção de sua tese de doutorado, intitulada *Sobre o problema da Empatia* (*Zum Problem der Einfühlung*), defendida em 1916 na Universidade de Friburgo (Alemanha), com menção *summa cum laude*, sob orientação de seu mestre Edmund Husserl, dentre outros filósofos.

Segundo Angela Ales Bello:

No quinto volume (1922) do *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, dirigido por Husserl, E. Stein publica um longo ensaio dedicado à fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito, *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*. Tal ensaio se insere em um contexto de animadas discussões sobre o sentido da psicologia como ciência, que envolveram Husserl desde os seus primeiros estudos juvenis, sob a influência de dois mestres, que levantaram a própria voz categorizada justamente naquele setor de pesquisa: F. Brentano e W. Wundt⁶.

Mas, como Edith Stein concebe a *ex-istência* humana?

Do ponto de vista de Gilberto Safra⁷, Edith Stein, partindo do método fenomenológico, caracteriza cada ente, explicitando fenomenologi-

⁵ BELLO, A. A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 17-18.

⁶ *Idem*. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, SP: Edusc, 2000, 141.

⁷ SAFRA, G. *A fenomenologia de Edith Stein: A alma animal e o Homem*. São Paulo: Sobornost, 2005.

camente a especificidade de cada um deles e, posteriormente, contrastando com o homem, a fim de apresentar a complexidade e especificidade da *peessoa humana*. Para tanto, Stein parte da concepção do homem como um animal, isto é, um “ser que é animado”; que, sob um primeiro olhar, caracteriza-se pela capacidade de mover-se livremente no espaço, despregando-se corporeamente da terra, a partir de um centro interno, de onde emana este movimento. Diz Safra, então, que em Edith Stein a *peessoa humana*, de algum modo, a partir de sua corporeidade, possui essa mesma possibilidade do animal de deslocamento no espaço, de se destacar da força da terra; e o corpo humano pode ser visto como algo que se move a partir de um centro interno.

Isto é de suma importância para o presente estudo porque esta característica de deslocamento do corpo no espaço, para a *peessoa humana*, já a informa a questão da liberdade, o que revela uma compreensão hilética, isto é, a possibilidade que a *peessoa humana* possui de ser informada pelo sentido que está nas coisas mesmas. Isto se mostra, à guisa de exemplos, na relação da *peessoa humana* com uma pedra - um ente simplesmente dado, destituído de “mundo”, do ponto de vista de Martin Heidegger. Neste registro, a pedra, em si mesmo, na sua materialidade, visita o homem com o sentido de estabilidade e de firmeza. Então, se olharmos a *peessoa humana* a partir dos animais, a questão do ser livre é um dos tópicos que mais se apresenta sob um primeiro olhar, já que os animais não estão presos a um lugar determinado. Indubitavelmente, corpo animal tem um centro interior, o que contrapõe os objetos materiais, como, à guisa de exemplos, uma caneta, que pode se mover, mas ela é, na verdade, movida por uma força externa a ela, diferente do animal que é movido, na maior parte das vezes, por uma força da sua interioridade, instintiva. Esta questão de se um corpo é movido a partir de sua interioridade ou de uma força externa indica, fundamentalmente, modos de ser no mundo. De certo modo, esta liberdade do movimento é inerente ao animal e a *peessoa humana* compartilha esta questão com o animal, diz Safra.

Edith Stein, na tentativa de mostrar a especificidade do animal e da psicologia animal, a fim de poder discriminar da psicologia humana, diz que o animal tem essa possibilidade de se mover a partir de um centro interior, e isto lhe é dado pelo seu corpo animado. Não obstante, podemos reconhecer que, às vezes, o movimento animal não é genuinamente nascido desse centro interior. O animal pode ser movido também pelo externo, por meio dos condicionamentos, de estímulos e respostas. Neste sentido, o comportamento do animal surge como a

conjunção entre essa possibilidade de se mover a partir desse centro interno e um comportamento que, na verdade, é determinado pelos estímulos que surgem no seu meio ambiente, questão do condicionamento que a psicologia animal vai estruturar amplamente. De acordo com Edith Stein, o fato de o animal não ser fixado no solo dá também a ele, pela possibilidade de se mover livremente no espaço, certa intranquilidade, que se manifesta no estado de abertura para os diferentes estímulos que ocorrem no meio ambiente.

No que diz respeito ao animal, o movimento não é a única característica que se mostra, mas quando olhamos para a questão da alma animal, do psiquismo animal, observamos que ele é um ser aberto a sensações. Trata-se de um ser vivo, que nota o que acontece em seu corpo, que reage a sensações, internas (se está com fome, sede, dor, etc.) ou externas (se está com frio, calor, etc.). É possível dizer, então, que o corpo animal possui uma sensibilidade, é um corpo que tem sensações, por dentro, por fora, e de si mesmo. Edith Stein abre, então, possibilidades de contemplarmos o nascimento de uma certa consciência nos animais. No que tange as plantas, o que é característico é uma forma interna, que se manifesta e acontece no crescimento das mesmas. Fundamentalmente, a vida da planta se manifesta por uma atividade que a configura, enquanto no animal, há uma alma de sentidos, sensitiva. Na *peessoa humana* há também essa dimensão sensitiva. Dito de outro modo: animal e homem se mostram como abertura, a partir da sua sensibilidade ao mundo, e o tipo de abertura determina o tipo de consciência.

Do ponto de vista da empatia, estamos diante de um registro que Edith Stein chama de "alma sensitiva". No fundo da sensibilidade, seja do animal ou da *peessoa humana*, há uma dimensão em que a empatia não alcança. Podemos até reconhecer que o outro sente dor, fazer uma leitura dessa dor a partir do corpo do outro, reconhecendo que essas manifestações que o corpo do outro apresenta são de dor, *mas nada sabemos da intensidade dessa dor*. Há uma dimensão obscura ao registro empático, na concepção de Edith Stein.

É possível dizer, então, que ter uma alma quer dizer possuir um centro interior, no qual se percebe que se entrecoca tudo que vem de fora, do qual procede tudo quanto se manifesta na conduta do corpo como proveniente de dentro. Diz Edith Stein que a alma é esse ponto de intercâmbio entre os estímulos que entram e que saem se interchocam. Mas o fato é: a alma, centro do animal ou da *peessoa humana*, fala por meio do corpo, antes das palavras, por meio de expressões, configurações

estéticas do corpo em que os estados de sensibilidade se revelam. Com efeito, os fenômenos expressivos animais nos revelam alegria, tristeza, fúria, medo etc., quer dizer, toda uma escala de emoções (sensibilidade do corpo, expressão dos seus estados), e não de sentimentos (elaborações imaginativas das emoções, psíquicas), estes últimos possíveis apenas à *persona humana*.

Edith Stein não só reconhece que o animal possui emoções, mas também que ele possui um modo de ser próprio. Há algo na exterioridade do animal que se expressa como um modo próprio de ser, o que revela que um determinado animal possui um caráter, um indivíduo, mas é da espécie. Isto significa dizer que o animal, desprovido da liberdade de registros psíquicos (de unidade e sentido) e espirituais (capacidade de transcender para além de si), que possibilitaria uma organização psíquica singular, um movimento de espírito, é aquilo que a espécie o permite ser. Por outro lado, a *persona humana* possui uma personalidade, isto é, uma elaboração imaginativa e psíquica do que é o caráter. Ter uma personalidade implica que um modo de ser no registro da personalidade está integrado nos significados e sentidos existenciais que a *persona humana*, de algum modo, foi afetada e criou. É possível dizer, então, que em Edith Stein a *ex-istência* humana se dá num plano “psíquico e espiritual”.

Diz Edith Stein que cada grupo de animais produz um tipo de som, específico da espécie, e que na sonoridade produzida pelo animal há emoção, e este som que expressa emoção até mesmo ganha um caráter de sinal. Portanto, há um tipo de comunicação no registro dos sinais entre os animais. É justamente porque os animais produzem sons, que expressam as emoções, com caráter de sinal, que esta fenomenóloga fala de uma sociedade dos animais. Diz Stein ainda que entre os animais, há uma vida social, no registro dos sinais, e a sonoridade do animal é produzida por meio de uma intensão, e esta intensão é psíquica. No que tange a *persona humana*, a sonoridade se dá numa relação de significados e sentidos, para além dos sinais.

Por último, resta dizer, à guisa de considerações finais, que a *persona humana*, diferentemente do animal, possui a capacidade de se separar de si, de se desconectar de sua alma de sensações, de furar um buraco no instinto, de atingir a posição vertical e de *ex-istir*. Diz Edith Stein: “El ser humano es un ser que posee un cuerpo, un alma y un espíritu. En cuanto el hombre es espíritu según su esencia, sale de sí mismo con su “vida espiritual” y entra en un mundo que se abre a él, sin perder nada de sí

mismo”⁸. Diz-se, então, que a *ex-istência* humana na concepção de Edith Stein não é uma coisa dada, é um projeto, desde sempre inacabado, que tem como sentido a “sétima morada”: a união nupcial da alma com Deus - como revela a mística de Santa Teresa de Ávila (1515-1582) e de São João da Cruz (1542-1591) - para a qual ela foi criada, resgatada sobre a cruz, consumada sobre a cruz e selada para a eternidade com a cruz⁹.

Bibliografia

ÁVILA, T. *Moradas do Castelo Interior*. Trad. Manuel de Lucena. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvin, s/d.

BELLO, A. A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.

_____. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: Edusc, 2004.

_____. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, SP: Edusc, 2000.

BÍBLIA. *Primeira Epístola aos Coríntios*. Português. Bíblia Sagrada. Trad. Centro Bíblico de São Paulo: Ave Maria, 1966.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13. ed. refor. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.

CRUZ, S. J. *Obras Completas*. Trad. Carmelo Descalço do Brasil. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GARCIA, J. T. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, s/d.

GOOGWIN, C. J. *História da Psicologia Moderna*. Trad. Marta Rosas. São Paulo: Cultrix, 2005.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Parte I. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *Ser e Tempo*. Parte II. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

⁸ STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del Ser*. Trad. Alberto P. Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 379.

⁹ *Idem*. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HUSSERL, E. *A idéia da fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1986.

PASTRO, C. *O Deus da Beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SAFRA, G. *A fenomenologia de Edith Stein: A alma animal e o Homem*. São Paulo: Sobornost, 2005. DVD único.

STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de uma ascensión al sentido do Ser*. Trad. Alberto P. Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

**Prof. Ir. Everaldo dos Santos Mendes*

Psicólogo (CRP – 03/03212), Mestrando em Ciências da Religião – PUC Minas.
Prior Geral do Mosteiro Steiniano de Santa Cruz,
da Congregação dos Irmãos Steinianos de Santa Cruz.
E-mail: mosteiroidesantacruz@yahoo.com.br.